

Grafias outras: extrapolando barreiras positivistas nas escritas em design

Other ways of writing: extrapolating positivist barriers in design writings

SZANIECKI, Barbara; Doutora; ESDI-UERJ; szanieckibarbara@gmail.com

DEL GAUDIO, Chiara; Doutora; Carleton University;

chiaradelgaudio@cunet.carleton.ca

MEYER, Guilherme Englert Correa; Doutor; UNISINOS; gcmeyer@unisinos.br

NORONHA, Raquel Gomes; Doutora; UFMA; raquel.noronha@ufma.br

MARQUEZ, Renata; Doutora; UFMG; renamarquez@gmail.com

Este é um relato da experiência da sessão Grafias outras: extrapolando barreiras positivistas nas escritas em design, que aconteceu como uma conversação no 14º P&D – Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. Este momento propôs o diálogo e a reflexão sobre formas de se fazer e pensar design que tensionam as estruturas epistemológicas do campo, em sua linearidade advinda da racionalidade metodológica. Participaram da conversa 22 pessoas, entre docentes e estudantes de graduação e pós graduação em Design e áreas afins, durante duas horas de duração. Organizados em 4 grupos de debates orientados pelas temáticas de debate inscritas na sessão (que depois foram dissolvidos pelo próprio fluxo da conversa), discutimos as várias iniciativas e inquietações que vêm sendo construídas no sentido de romper com a linearidade do discurso científico que rege as normas que norteiam as escolhas da representatividade da pesquisa contemporânea em design e áreas afins. Como resultados, este relato apresenta um mapeamento de pessoas e instituições interessadas nesses temas; proposição de ampliação sobre as práticas de escrita junto aos programas de pós-graduação, revistas e agências de fomento à pesquisa; e a proposta de ampliação do debate em evento específico sobre o tema em 2023.

Palavras-chave: Escritas; Narrativas; Discurso científico; Epistemologia do design.

This is an account of the experience of the session Other spellings: extrapolating positivist barriers in design writings, which took place as a conversation at the 14th P&D – Brazilian Congress of Research and Development in Design. This moment proposed a dialogue and reflection on ways of doing and thinking about design that stress the epistemological structures of the field, in its linearity arising from methodological rationality. 22 people participated in the conversation, including professors and undergraduate and graduate students in Design and related areas, lasting two hours. Organized into 4 debate groups guided by the debate topics included in the session (which were later dissolved by the flow of the conversation), we discussed the various initiatives and concerns that have been built in order to break with the linearity of the scientific

discourse that governs the norms that guide the representativeness choices of contemporary research in design. As a result, this report presents a mapping of people and institutions interested in these themes; proposal for expansion of writing practices in postgraduate programs, magazines and design research funding agencies; and the proposal to expand the debate at a specific event on the subject in 2023.

Keywords: *Writings; Narratives; Scientific discourse; Design epistemology.*

1 Introdução

Este é um relato sobre a experiência da conversação *Grafias outras: extrapolando limites positivistas das escritas em design*, que aconteceu no âmbito do 14º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. No dia 26 de outubro, reunimo-nos 22 pessoas interessadas em refletir e dialogar sobre ampliações e tensionamentos da escrita acadêmica no campo do design.

Diante de formas não prescritivas de fazer, pensar e pesquisar em design, emergem novas formas de expressão dos conhecimentos advindos de tais modos, como o design participativo; o design especulativo; o *design anthropology*; os experimentos de design, dentre outros. Assim, os padrões e as normas da escrita científica precisam ser discutidos, incluindo-se neste debate a produção de artigos científicos e de teses e dissertações.

O design é caracterizado como um campo interdisciplinar e isso abriu portas para diálogos ricos com outras áreas do conhecimento. As heranças metodológicas deste intercâmbio, associadas às epistemologias do norte global, pautaram as formas específicas de se construir pesquisas contemporaneamente em nosso país, que pouco refletem ou mal se constituem a partir das fendas do trauma colonial que subjaz às práticas criativas com as quais lidamos. Fanon (2006) adverte sobre como as construções epistemológicas encontradas nas práticas de difusão científica fazem-se barreiras que reforçam os limites de um paradigma moderno/colonial – em nosso caso, com e para além do design.

Os questionamentos aqui levantados dialogam com as reflexões de autoras(es) que pautam a reflexividade e a auto reflexividade no âmbito da pesquisa científica, que extrapolam estruturas epistemológicas do campo, em sua linearidade e prescritividade advinda da racionalidade metodológica.

Em seu ensaio “Um discurso de formatura com a mão esquerda”, Ursula K. Le Guin (2020) aponta elementos que reforçam a inadequação da escrita acadêmica vigente em relação às outras vozes que não sejam àquelas da ciência positivista (LATOUR, 1994; STENGERS, 2015), àquela verdade sedimentada e materializada nos discursos sobre o sucesso, o desenvolvimento e o progresso.

Essa conversação propõe o início de um debate que traga à tona as muitas iniciativas que já vêm sendo construídas no sentido de romper com a linearidade do discurso científico que rege as normas que modelam as escolhas da representatividade da pesquisa contemporânea em design. Como exemplo, o sistema de avaliação por pares de revistas acadêmicas que pautam e aferem a qualidade da pesquisa no campo do Design ou a necessidade de estabelecimento de estruturas rígidas para a construção de uma tese ou dissertação.

Assim, neste relato, o primeiro item apresenta a dinâmica metodológica da conversação e apresenta os participantes, mapeando suas afiliações institucionais e de onde emergem os discursos que compuseram a sessão. O segundo item apresenta as falas de cada participante da

mesa, direcionadas – mas não cerceadas – pela dinâmica proposta pelos organizadores da sessão. A terceira e última trata dos encaminhamentos futuros, as possibilidades de continuidade das conversas aqui iniciadas.

2 Dinâmicas e participantes da conversação

A conversação abriu sua chamada por meio de um formulário e as chamadas aconteceram nas redes sociais e contatos dos organizadores da conversação. Neste ato de inscrição, foi solicitado que cada participante encaminhasse um pequeno texto com suas inquietações, proposições ou pensamentos sobre a questão.

Figuras 1 e 2 – Posts de divulgação da chamada.



Fonte: Dos autores.

A partir dessa constelação de interesses e reflexões, o trabalho da equipe organizadora iniciou-se com a leitura prévia e associação das pessoas com questões semelhantes em blocos de discussão.

Na conversação, cada participante teve três minutos para sua exposição, e havia debatedores para cada bloco de debates. O quadro abaixo traz a composição da sessão:

Quadro 1 – Participantes e afiliações institucionais

Bloco 1	Afiliação Institucional
Tayomara Santos dos Santos	Doutoranda UEMG
Isabela Izidoro	Mestre Arquitetura UFMG
Núria Manresa Camargos	Mestranda Arquitetura UFMG
Daniela de Oliveira Faria	Mestranda Arquitetura UFMG
Bloco 2	
Luiza Gomes Duarte de Farias	Graduanda UFMA
Samuel da Silva Miranda	Doutorando Unisinos
Octávio Scapin Costa Pereira	Doutorando Arquitetura UFMG
Aline Furtado Franceschini	Mestranda Arquitetura UFMG

Bloco 3	
Ana Melo QuintsIr Raíssa Joanna Vítola Albuquerque Marcella Abreu Dos Santos	Mestranda ESDI-UERJ Mestranda UFRJ Graduada em Design - UFMA
Bloco 4	
Luiz Lagares Izidio Lucas Carvalho de Jesus Fernanda Galvão Sklovsky	Pós doutorando / UFMA Graduando Arquitetura UFMG Mestranda Unisinos
Ouvintes	
Gabriela Ramos Márcio Soares Lima Kátia Andréa Carvalhaes Pêgo Tatiana de Castro e Souza Jaíne Cintra Priscila Penha Coelho	Mestranda UFMA Doutorando UFSC / docente IFMA Docente UEMG Mestranda UEMG Doutoranda UFPE Mestranda UFMA
Organizadores	
Barbara Szaniecki Chiara Del Gaudio Guilherme Englert Corrêa Meyer Raquel Noronha Renata Marquez	Docente ESDI-UERJ Docente Carleton University Docente Unisinos Docente UFMA Docente UFMG

Fonte: Dos autores.

Deste mapa inicial, estiveram presentes durante a conversação 22 participantes (Figura 3), incluindo-se os cinco organizadores da sessão, que teve a duração de duas horas de debates produtivos.

Figura 3 – Registro em *print* dos participantes da conversação.



Fonte: *Print* de Márcio Soares Lima.

3 Conversações

As boas vindas acontecem, e Raquel comenta sobre as motivações para a proposição das conversações: aquilo que vivenciamos e encontramos em campo não cabe nos formatos propostos para a escrita científica. Sempre transborda.

Apresenta a sequência da sessão, que primeiro será aberta as falas de cada pessoa inscrita e, após, haverá um espaço para perspectivas futuras, para proposição de atividades que ampliem e levem o debate adiante.

Guilherme reflete sobre o problema de se ter uma regra para a escrita é que é única – o pressuposto de se ter um único caminho. “A ciência não está dando conta da contemporaneidade”. Para se evitar as fragilidades em tempos de crise, opta-se pela regra e pelo padrão, para deixar a ideia de fracasso de lado. Essa vem sendo a estratégia: evitar a diferença.

O convite é feito para que os participantes do bloco 1 iniciem suas apresentações. Contudo, ainda não estão todos na sala, e o bloco 2 inicia com a fala de Chiara, chamando as pessoas para a conversa. “Muitas coisas são deixadas de fora, não dá para capturar a complexidade”.

Samuel inicia. Se deparar com escritas outras, é trazer novas vozes, como estratégias de colaboração para enfrentar crises. “Quando me deparo em campo com termos técnicos das artesãs com as quais pesquiso, isso é o que me estimula a pensar sobre outras escritas”.

Aline continua, refletindo sobre como trazer vozes e outras grafias para além da palavra, em sua pesquisa no Vale do Peruaçu, MG – “escrever já é difícil, pensar outras escritas que não são validadas já é uma dificuldade maior ainda” – conversas, áudios, jogos... como fazer isso navegar junto, pensando-se até mesmo na forma, em design gráfico?

Chiara reflete: muitas coisas emergem porque precisamos fazer traduções de conceitos, e como isso pode ser integrado nas normas de escrita, e o que não pode? Qual o valor e o peso delas na escrita científica? Que tipos de saberes elas conseguem representar? Como eu consigo trazer outras vozes sem interpretar? Que não seja a minha participação?

Luiza nos traz questões sobre contação de histórias, e compartilha uma coisa de design com a qual vem experimentando a escrita como narração. Trata-se da ferramenta “Redes de Mondrongo” que vem sendo prototipada em comunidades artesanais do Maranhão. Assim, a pesquisadora reflete sobre como trazer a subjetividade para dentro do texto científico. Trabalhar com artesãs faz com que outros mundos emergam, e estes não cabem na forma do texto acadêmico.

Octávio, na sequência, afirma que se sentiu atravessado pela chamada da conversação e que duas palavras lhe chamaram a atenção: *outras* e *positivistas*, como barreira e entrave entre o método científico e outros métodos. Reflete sobre quais seriam os operadores negativos, que fariam frente ao “positivistas”? Talvez fosse mais uma região de fronteira que precisa ser acessada no âmbito da escrita. Reflete, ainda, sobre o papel dos arquivos, com os quais lida... como participam da constituição de mundos, especialmente sobre os processos de interpretação. Talvez não seja por essa via da interpretação, mas desse espaço negativo, esse espaço outro. Como designers e arquitetos participam da destruição e constituição de mundos, desta tradição onto-epistemica, como ele escuta sempre a Renata, sua orientadora, mencionar? Como tratar da violência constituinte das práticas?

Chiara nos estimula a irmos além. “O que vocês falaram alimenta reflexões que tenho, sobre que o que de fato nos é relevante para entender certas práticas e realidades – o que é de fato

realidade, o que é de fato ficção, e como a ficção também pode ser considerada como um dado relevante para a compreensão da realidade, considerando-se, também os imaginários". – "o que vocês acham?"

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

fica? Associada ao momento empírico em que foi dita, ou à negociação posterior? “Tem esse outro lado também...”, reflete.

Núria contribui e relata o fato recente, das aulas da atribuição de títulos de Notório Saber acontecidas na UFMG, em que foram titulados 15 doutores e mais de um, em suas falas, disseram que a universidade não representa a ideia de saber tradicional. “Talvez tenhamos que pensar em outro modo, que não seja a transcrição do que elas falam... no modo que é o do encontro, talvez...”.

Chiara percebe duas questões envolvidas: uma questão de ética em relação à comunicação. A gente sempre acha que vai valorizar o outro trazendo suas falas, “mas talvez a gente sempre tem que negociar, para entender o que as pessoas querem de fato, como se sentem confortáveis.” A outra questão é sobre o papel da diversidade no mundo acadêmico... “neste artigo que escrevi deixei muito espaço para as falas, para que isso fosse reconhecido como saber, como conhecimento em design, das pessoas participantes de um projeto”. Reflete sobre os comentários dos revisores, que acharam “bacana, mas qual a sua contribuição? Eles querem uma contribuição no sentido do como...” Levanta a questão sobre a nossa contribuição como pesquisadores: seria em contribuir sobre o como fazer pesquisas em design? O que é relevante como resultado de uma pesquisa em design?

Barbara entra na roda e propõe uma reflexão que tinha preparado e que talvez seja um ponto anterior aos levantados por Chiara. Reflete sobre o caminho que temos feito por meio de várias iniciativas, que podem ser nomeadas *Design Anthropology*, design participativo, de codesign, ou até se esquece o design, e se chama design outros... mas o que de fato importa é como nos relacionamos com as práticas das pessoas, que já atuam em seus grupos. Temos que fazer isso mesmo, “abaixar a cabeça” e entender esse lugar, e nos colocar menos nesse lugar de mediador e mais de um compositor, de fazer um arranjo entre as vozes, possibilidades e atores.

Outro ponto levantado por Barbara – que faz uma autoreflexão se está sendo positivista porque está separando coisas que acontecem juntas – nós estamos pensando na escrita, mas ela não se dá no final do processo. Ela já começa antes, e entram todas as questões que aparecem em todos os textos, e cita a relação entre a teoria e a prática... “a gente já separa isso, como se ali no campo não houvesse teoria, pensamento, reflexão...”. Outra questão é a subjetividade, mencionada no texto da Tayomara, que reflete sobre o fato de escrever no feminino, sendo uma mulher, como isso já gera outra percepção do texto.

Outro elemento que emerge são os modos: imagens, desenhos, fotografias, cartografias, sonoridades, linguagens... os sotaques também! Não conseguimos excluir essa complexidade, nem no campo e nem na escrita, e é importante pensarmos nisso, e nos deparamos com a academia muito hierarquizante e muito modelar. “A gente não está mais avançando, a gente está expandindo, dos nossos seres, e das nossas relações”, conclui.

Guilherme retoma a questão da contribuição ao campo, e o problema é entender que não há apenas um tipo de contribuição. E o entendimento de que o que se entende por contribuição é algo que possa ser ampliada e universalizada, reproduzível... A contribuição irreproduzível, singular, única, particular, isso não é percebido pelos nossos pares da ciência moderna como uma contribuição. “As revistas esperam que deixemos claro e explícito qual é a nossa contribuição nestes termos, do que pode ser ampliado para outra situação.”

O problema é sobre escrita, mas é sobre uma expectativa.

Raquel direciona a questão para o campo epistemológico e das escolhas metodológicas. É necessário estabelecer como nós propomos que uma prática de pesquisa em design sejam esses, e não aqueles estabelecidos pelo que Guilherme mencionou. Porque quando avaliados por

pares, nossos textos são avaliados segundo critérios, como presença de abordagem metodológica, se o objetivo geral está claro... determinações de forma - e consequentemente de conteúdo - que advém da ciência positivista. Afirma que as ciências sociais já introduziram este debate há mais de 40 anos, e que seguir usando métodos das ciências positivistas aprofunda esse distanciamento da prática e da teoria. Assim, definindo os termos epistemológicos do campo a priori, direciona melhor o escopo avaliativo de um artigo científico, por exemplo. Não haveria um padrão de cobrança sobre aquilo que deve constar como forma e conteúdo. "A gente está expandindo sim, e isso dá visibilidade, se a gente se organiza e faz essas iniciativas pipocarem, de que existem outras formas de se fazer ciência".

Luiz reforça a necessidade de se contemplar outras formas de avaliação que não deixem de fora as subjetividades.

Lucas relembrou a diversidade de elementos que não são colocados numa escrita e resumiu sua questão: "como escrever sobre mundos e atravessamentos que acontecem em espaços, tempos e epistemes outros?".

Marcella retomou a questão do sentimento de inadequação que a escrita acadêmica gera. Nossa escrita tem que ter três pilares: envolvimento, envolvimento que gera curiosidade, e linguagem, diz. Fernanda também menciona o "medo desse elitismo do ambiente acadêmico" e Ana complementa dizendo que a academia reproduz um pensamento europeu, branco e que a gente fica pensando "eu não sei escrever dentro desse formato, então eu preciso me adequar" e que, em campo, considera importante expressar como estamos, o que sentimos. Essa busca de outras formas de escrita foi o que Raíssa procurou na produção de zines e na produção alternativa, afinal de contas a criatividade é própria da condição humana.

Renata salientou a importância, na pesquisa, de práticas para além da escrita e, sobretudo, de práticas menos solitárias e sim, sempre mais coletivas, colaborativas e solidárias. E as espacialidades do aprendizado são fundamentais para experimentações coletivas, ressaltando a proposta de Raíssa com a proposição de espaços de conhecimento / coletividades de conhecimento com vivências e trocas e a importante pergunta da Marcella: onde estão as grafias que almejamos? Renata argumentou ainda que o que chamamos de academia não é uma instituição abstrata que frequentemente convertemos em inimiga da nossa escrita, mas ela é composta por pessoas, por nós. Fazemos parte da academia e escrevemos de muitas maneiras.

A partir dessas trocas, seguiremos com todas essas questões para nossas grafias: grafias que articulem teorias e práticas, epistemologias e metodologias do design e áreas afins e de outros modos de projetar, de relações entre forma *versus* matéria, etc; grafias que dêem voz a todos os participantes (às suas subjetividades, aos seus corpos, de sentido/significados/sensibilidades diferentes); grafias que se abram a outros modos de expressão: fotografias, cartografias, desenhos, sons, audiovisuais... outras grafias. Tudo isso é bem experimental. Mas está em curso e não estamos sozinhas.

4 Fios soltos

Este item deixa registrado elementos para serem acessados em momentos posteriores, fios soltos que serão futuramente aproveitados para discussões e debates.

4.1 Registro do chat

00:38:20.686,00:38:23.686

Márcio Soares Lima: olá! Não estou escrito, Posso dar uma palavrinha "substituindo" minha amiga Tayomara?

00:38:36.573,00:38:39.573

Guilherme Englert Corrêa Meyer: Claro, Marcio

00:38:47.120,00:38:50.120

Márcio Soares Lima: otimo

00:46:48.439,00:46:51.439

Chiara Del Gaudio: desculpa!

01:08:47.808,01:08:50.808

RAQUEL GOMES NORONHA: Ana!

01:09:00.606,01:09:03.606

RAQUEL GOMES NORONHA: agora que vi esse J. Borges aqui na minha frente!

01:09:30.639,01:09:33.639

Ana QuintsIr: Ele está em todos os lugares rs

01:12:00.778,01:12:03.778

RAQUEL GOMES NORONHA: Só pra tranquilizar: publicamos o artigo na íntegra, eu e Marcella...

01:12:20.344,01:12:23.344

Barbara Szaniecki: que bom!!!!

01:12:28.185,01:12:31.185

Guilherme Englert Corrêa Meyer: Sim!

01:14:01.518,01:14:04.518

Chiara Del Gaudio: <https://www.adweek.com/galleycat/phd-candidate-writes-graphic-novel-doctorate/105518>

01:17:11.862,01:17:14.862

RAQUEL GOMES NORONHA: Adorei, Chiara!

01:18:18.149,01:18:21.149

Barbara Szaniecki: Muito bacana mesmo :)

01:25:25.163,01:25:28.163

Chiara Del Gaudio: concordo com muito do que foi falado, com a necessidades de novas metodologias etc. Porem acho que a gente se depara com a comprehensao do que e' design. E na area, estamos bem longe de uma comprehensao parecida ao que a gente esta' discutindo. (voltando portanto ao que o Octavio e outros mencionaram em termos de discussao - ou obstaculos a serem enfrentados). Se eu olhar a america do norte, onde estou agora, a comprehensao de um design nao ao servico do mercado, da eficiencia e da produtividade

01:26:00.058,01:26:03.058

Chiara Del Gaudio: e' bem longe da realidade atual. E esta comprehensao e' apoiada e alimenta o ensino em design - e as universidades como empresas (porque sao).

01:26:11.977,01:26:14.977

Raíssa Vítola: 3

01:33:34.282,01:33:37.282

LUIZA GOMES DUARTE DE FARIAS: Achei interessante essa ideia que a Marcela trouxe do envolvimento. Me lembro de um texto do Ingold em que ele diz que precisamos trabalhar as palavras como os artesãos trabalham seus materiais, da forma de escrita acadêmica como um artesanato, que não deixa de ser uma forma de descrição, mas que traga os vestígios que toda forma de fazer tem... Dentro disso, acho importante pensarmos a ideia de fluxo, ritmo, de como tornar essa palavra viva

01:34:32.206,01:34:35.206

RAQUEL GOMES NORONHA:

https://www.researchgate.net/publication/356436284_UM_ENSAIO_SOBRE_PALAVRAS-ARMAS_POR_ESCRITAS_QUE_CONTEMPELEM_OUTROS_DESIGNS

01:34:49.333,01:34:52.333

RAQUEL GOMES NORONHA: Deixo uma contribuição aqui...

01:36:32.568,01:36:35.568

Barbara Szaniecki: Aproveito e tb deixo uma contribuição aqui a partir dessa fala da Renata: o P&D Design é um evento acadêmico e, no entanto, uma proposta como a das Conversações, quebra um pouco esses academicismos...

01:37:08.076,01:37:11.076

Barbara Szaniecki: Espero que consigamos desdobrá-lo para além desse momento bom aqui :)

01:38:07.062,01:38:10.062

Guilherme Englert Corrêa Meyer: Com certeza!

01:38:31.977,01:38:34.977

RAQUEL GOMES NORONHA: Proposta 1: vamos escrever esse relato a 38 mãos?

01:39:26.307,01:39:29.307

LUIZA GOMES DUARTE DE FARIAS: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/18103.pdf> o texto do Ingold ao qual me referi

01:41:26.499,01:41:29.499

Barbara Szaniecki: Proposta 1 (Raquel): super de acordo

Proposta 2: um encontro ano que vem! (num momento mais tranquilo)

01:42:15.285,01:42:18.285

RAQUEL GOMES NORONHA: Concordo

01:44:08.518,01:44:11.518

Barbara Szaniecki: A todos, preciso me ausentar porque são muitas as questões para resolver aqui. Mas adorei estar com vocês no meio dessa doideira toda e aguardo o próximo encontro... vou sair de fininho rs

01:48:26.428,01:48:29.428

Marcella Abreu: Proposta: criar um grupo de estudo (frequência em aberto) com as pessoas que tão aqui pra pensar nessas outras formas de escrever e de coescrita com as comunidades pesquisadas

01:48:44.159,01:48:47.159

Fernanda Sklovsky: Pessoal, foi maravilhoso! teremos que sair para uma próxima seção...beijos!!

01:49:34.301,01:49:37.301

Márcio Soares Lima: muito obrigado! Boa tarde!

01:50:07.753,01:50:10.753

Samuel da Silva Miranda: acompanho a Fernanda. Iremos mediar uma sessão técnica. Um xêro! Até a próxima

01:50:51.511,01:50:54.511

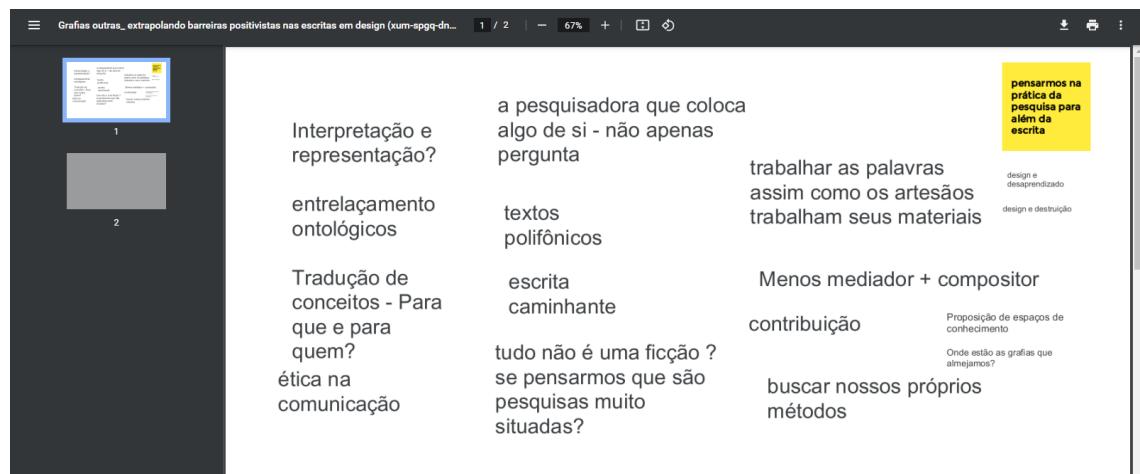
luiz claudio lagares izidio: gente eu tenho que ir pois apresento o artigo nesse momento

01:51:41.420,01:51:44.420

RAQUEL GOMES NORONHA: propostas: criar banco de dados com experiências que conhecemos, para entender melhor as possibilidades.

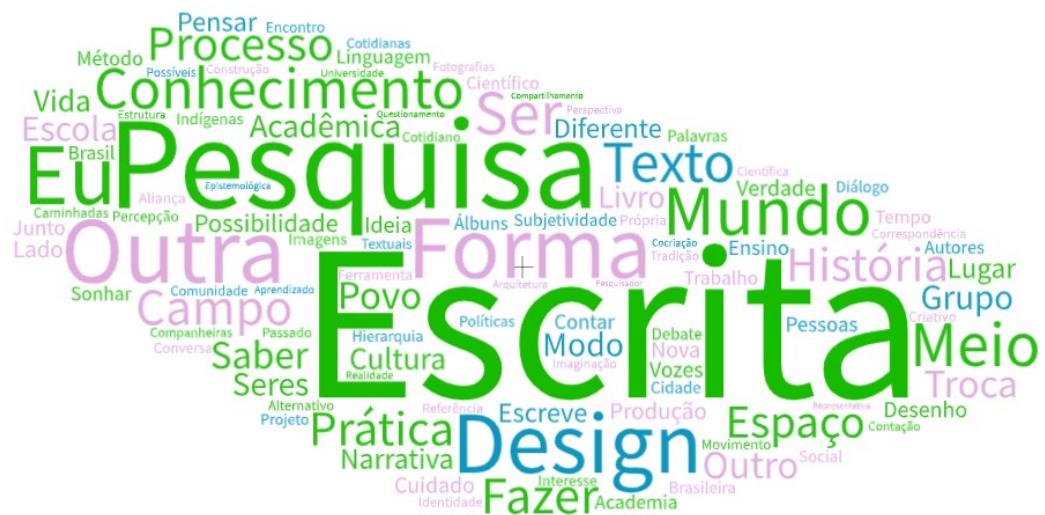
4.2 Registro do Jamboard e nuvem de palavras com os textos dos participantes.

Figura 4 - Jamboard com ideias dos participantes.



Fonte: Dos autores.

Figura 5 - Nuvem de palavras com os textos enviados pelos participantes.



Fonte: Dos autores.

5 Perspectivas futuras

Ao final da conversação, algumas pessoas que participaram como ouvintes se manifestaram. Kátia apontou para a relevância desta conversa, que para ela é nova. Ela estudou o design sistêmico no doutorado, mas logo reparou que no Brasil não é suficiente, porque a realidade demanda outras práticas e abordagens, e se aproximou, portanto de metodologias participativas e aí estas perguntas e problemáticas surgiram. Como comunicar? Como a gente escreve para a academia e a academia recusa pelo jeito de escrever.

Esta conversação é chave, pela primeira vez no P&D, porque deu espaço para este tipo de conversas. Em seu meio acadêmico quando penso nisso sou um elemento marginal, mas isso me mostra como tem um grupo que quer discutir isso e avançar nisso.

Raquel fala que a gente já tem feito, já tem legitimado isso como outras pessoas que estão nesta conversa (por meio de bancas de dissertações de mestrado e teses de doutorado). Nós somos a academia e a gente também tem poder de legitimações. Nós também somos e fazemos parte. É um movimento que a gente precisa dar visibilidade, ter constância, ter produção para que ele se faça visível. Nós produzimos revistas, nós podemos fazer dossiers, reuniões, congressos, simpósios para falar disso.

Raquel propõe escrever o relatório junto, que seria uma escrita coletiva.

A Barbara propôs um encontro no ano que vem, 2023. Marcella sugere fazer como fazem no NIDA: grupos de leitura e tentar formas de escrever juntos; precisaria definir, porém, tempo e frequência. Poderiam ter oficinas de escrita criativa, porque a gente precisa aprender a escrever de forma diferente da escrita da ABNT. E também aprender a escrever junto com a outra pessoa que está sendo pesquisada.

Guilherme ficou com a sensação que a gente teve fala super estimulante e estimuladas por questões parecidas, mas as falas não desenvolveram muito as propostas, e a gente poderia pensar em um espaço onde entender mais os trabalhos que cada um está fazendo para depois criar uma agenda de atividades. Poderia ser uma publicação, ou atividades como a Marcella sugeriu. Podemos formalizar a rede por e-mail e depois desdobrando a agenda, talvez começando com o evento.

Chiara sugere criar um banco de dados com exemplos de trabalhos brasileiros e a gente vai mapeando, identificando conexões e tipo de experimentações feitas para a gente entender mais o estado atual, se fortalecer e trabalhar em cima disso. A gente pode criar um arquivo, organizado pelos organizadores, e cada um pode colocar exemplos. Os organizadores podem criar a estrutura e as categorias do arquivo.

Decidimos o arquivo e evento no começo do ano, depois podemos pensar em um grupo de estudo.

6 Referências

FANON, F. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2006.

HARAWAY, D. *Staying with the trouble. Making kin in the Chthulucene*. Durham: DukeUniversity Press, 2016.

INGOLD, T. *Anthropology and/as education*. Oxon; New York: Routhledge, 2018.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LE GUIN, U. K. **Um discurso de formatura com a mão esquerda**. São Paulo: n-1 edições, textos, 128, 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/128>.

STENGERS, I. **No tempo das catástrofes**. São Paulo: Cosac Naify, 2015, 160p.

_____. **Another Science Is Possible. A Manifesto for Slow Science**. 2018. Cambridge, UK: Polity Press. 163 p.

TAYLOR, D. **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2013.

Apêndice: coletânea de textos enviados como motivação e mote para a conversação.

Grupo 1

Tayomara Santos dos Santos

(gênero, corpo)

Em 2020, durante minha defesa de mestrado, percebi um certo incomodo por parte da banca e de alguns espectadores por usar o termo “a designer” na escrita da fundamentação teórica ao me reportar acerca das características de profissionais do campo, e os reflexos disso em minha atuação durante a pesquisa. Mesmo informando no início do texto que assumi tal postura, porque estive como agente ativa em todo processo; o grupo de pessoas que colaborou comigo na era majoritariamente feminino e o campo filosófico do design na qual me guiei permitia, não foram justificativas suficientes para a pergunta: “por que a designer e não o designer?”. Até o corretor de texto do word indicava alteração para o designer (risos). Daí fiquei me questionando, os **por quês assumir no texto de design, o corpo de quem o escreve, ainda incomoda tanto**.

Isabela Izidoro

(escrita caminhante, práticas incorporadas, escrita polifônica)

Nos últimos meses, tenho investigado as possibilidades para uma **escrita caminhante** nos territórios do rio Peruaçu, afluente do São Francisco, no Norte de Minas Gerais, onde as caminhadas são

lugar de encontro com os conhecimentos sobre os espaços e também meu (nossa) método de pesquisa. Essa forma de escritura das experiências busca levar em conta as **práticas incorporadas** e cotidianas de que partem as aprendizagens e criar uma **escrita polifônica**, baseada em transcrições de passeios pelas florestas de Cerrado, roças, quintais e pelo rio Peruaçu, em diálogo com outras pensadoras. Trata-se de uma escrita feita por palavras, e não somente: também por sons do rio e dos seres-rio, captados durante as caminhadas ou recebidos via WhatsApp; por desenhos que traduzem estórias escutadas e convidam a brincadeiras de observação dos mundos; por fotografias que apresentam as caminhadas e também transitam entre mídias, companheiras de pesquisa, álbuns de família e o tempo das águas e da seca; por amostras de herbário, um dos métodos de pesquisa nos quintais para

estar em companhia das jardineiras e das plantas, e que traz o território e suas habitantes para a proposta gráfica que acompanha a escrita em palavras

Núria Manresa Camargos

(troca de correspondência, pesquisa ação, cuidado cotidiano, subalternizados, socioambiental)

Partindo de uma **troca de correspondências** com Roseli Correia, professora do ensino fundamental de uma escola municipal de Venda Nova em Belo Horizonte e cuidadora do córrego do Capão que corre em meio urbano, começamos um processo de pesquisa-ação dos processos de ensino-aprendizagem a partir do território. O contato com o cotidiano de Roseli, tanto na escola quanto no grupo que ela movimenta às margens, me provocou as seguintes perguntas: Até onde o desenho técnico tradicional, fundado no Renascimento e que hierarquiza o trabalho construtivo dá conta de ser uma ferramenta na produção de uma espacialidade outra? Ou seja, uma espacialidade produzida pelo trabalho de **cuidado cotidiano**?

Parto do pressuposto que para conseguir imaginar uma economia pós-capitalista que não está voltada para o lucro e sim está voltada para a produção da vida é fundamental o conhecimento que é produzido pelos até hoje **subalternizados**: as mulheres, quilombolas, povos da floresta, crianças, ribeirinhos.

Quais ecologias e quais políticas continuam acontecendo apesar (ou sobretudo) do (pelo) urbano? Como a universidade, lugar que, como coloca Ariella Azoulay, se autointitula como espaço de produtor de conhecimento pode de fato se aliar a movimentos e lutas **socioambientais** contribuindo para outras produções espaciais e para outras formas de produzir conhecimento?

Daniela de Oliveira Faria

(subjetividades sexuais, história oficial, contação de outras histórias, cura)

Há que se pensar na escrita como parte do método e do percurso de pesquisa e não apenas seu produto final. Nesse sentido, em minha pesquisa de mestrado “Cidade-armário, cidade-queer: espaços e **subjetividades sexuais**”, me interessa a potência que a escrita tem de contar outras histórias para além da **História Oficial**, mostrando que passado se modifica e que memória é prova – história não é só o que consta nos arquivos. A **contação de outras histórias** é, portanto, ferramenta epistemológica de produção de conhecimento e forma de narrar silêncios, pessoas e coisas invisibilizadas. É processo de **cura**, modo de fazer junto e de vulnerabilizarmo-nos em companhia.

Grupo 2

Luiza Gomes Duarte de Farias

(comunidades artesanais, escrita representativa da subjetividade, correspondência seres e meio)

Acredito ser preciso pensarmos em novas formas de contar sobre saberes e fazeres outros, pois suas dimensões extrapolam os conceitos e formas que utilizamos na escrita acadêmica em design. A pesquisa de campo com **comunidades artesanais**, por exemplo, demanda reenquadrarmos nossas categorias epistemológicas ainda presas ao racionalismo científico

para vivenciarmos outras formas de construir conhecimentos. Pensar uma **escrita representativa da subjetividade** que atravessa o fazer artesanal: nos modos de aprendizado, no processo criativo, na percepção e **correspondências com os materiais**. E que também se encontra na busca pela **autonomia**, a identidade cultural, a articulação sociopolítica e a sociabilidade comunitária. São processos que sugerem uma profunda **interrelação entre os seres e o meio habitado**. O fazer como uma produção de si mesmo, que, no entanto, não preexiste às suas relações. Por isso, transformar nossos modos de contar – em outras palavras, substituir a produção de descrições textuais reducionistas e prescritivas por escritas verdadeiramente representativas de uma visão de mundo relacional e pluriversal – é um exercício potente para refletirmos sobre nossos modos de fazer pesquisa com o outro.

Samuel da Silva Miranda

(ruptura, convívio, colaboração, hegemonia, verdade, trilhas textuais, pluriverso)

Me estímulo a conversar sobre as questões de “**ruptura**” ou **convívio** de outras perspectivas de comunicação - pela escrita - das pesquisa em design. A aproximação sobre essa discussão me interessa, na medida em que aprofundo os fundamentos sobre colaboração e participação no design. Neste sentido, é latente o movimento para propiciar caminhos de fuga à vozes **hegemônicas** - especializações acadêmica- científicas - considerando outras vozes - especializadas por diferentes saberes. Por muitos, este primeiro saber é considerado como a “verdade do mundo”, porém, muitas dessas “verdades” provem dos saberes outros, tomemos as sabedorias medicinais como exemplo. Logo, o tensionamento desse debate efervesce a busca por outras **trilhas textuais** comunicacionais sobre as apreensões do nosso campo, sobretudo no terreno pluriversal.

Octávio Scapin Costa Pereira

(tradição onto-epistemicida, projeto forma-mercadoria; deslocamentos metodológicos, práticas em aliança; análise das políticas).

“Extrapolar barreiras positivistas nas escritas em design” parece ser um importante **programa político** dos campos de saber vinculados às práticas de projeto (ou desenho) e remonta, ao menos a partir de uma certa perspectiva, à **tradição crítica** que se lançou (desde meados do século passado) no trabalho de confrontar os paradigmas moderno-colonial-capitalistas, que estruturam os campos da arquitetura, do design e mesmo das artes. De viradas linguísticas, epistemológicas, sem falar nas paradigmáticas viradas estéticas, podemos falar também das **reviravoltas ontológicas**, ou seja, atravessamentos das práticas com outros mundos e outros seres (other-than-humans, nos termos de Cadena) mobilizando colaborações e alianças a partir dos impasses dos encontros, das diferenças e, pasmem, das similitudes que ainda resistem. Este movimento parece recolocar questões fundamentais para estes campos: do que se trata e a quem serve o trabalho do designer? Quais são os estatutos de seus objetos? Afinal, o que faz um designer? Como ele é reconhecido como tal? Como o design participa da destruição dos seres, dos mundos? Como **reagir a uma tradição onto-epistemicida** que domina nosso campo de saber e nossas funções reconhecíveis no laço social? Apostamos em três conjuntos de procedimentos para avançar nessas questões: a **negação do projeto** em sua

forma-mercadoria; os **deslocamentos metodológicos rumo às práticas em aliança; e a análise das políticas** das identificações na transmissão discursiva dos campos de saber.

Aline Furtado Franceschini

(narrativas cotidianas de cuidado, fotografias, álbum)

Sou mestrandanda do NPGAU (Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFMG) onde faço parte do grupo de pesquisa Cosmópolis. Em minha pesquisa coleciono **narrativas cotidianas de cuidado** com o Rio Peruaçu, como maneira de investigar as possibilidades de se construir negociações entre as múltiplas formas de fazer e cuidar do mundo que habitamos. Se são tantas as gentes que habitam um mundo que não é um só, como negociar o cuidado com o que nos é comum? E com o que é incomum e escapa à convergência? Este rio sobre o qual euuento, fica na região Norte de Minas Gerais e o processo desta pesquisa começou a distância, em uma troca de correspondências com Nelinda Gonçalves Macedo, plantadora de água da região. Outras interlocutoras do Peruaçu, e também de Belo Horizonte se somaram às trocas e se tornaram minhas companheiras de pesquisa.

Na impossibilidade de estar sempre no território, comecei a revistá-lo por meio das **fotografias** que fiz em minha estadia. Junto de minhas companheiras de pesquisa tenho exercitado a construção álbuns que colocam lado a lado estas imagens, e outras que não foram produzidas por mim. Tenho experimentado este método de avizinhamento de imagens como uma forma de disparar os diálogos com minhas companheiras de pesquisa e, também, minha escrita.

Estes **álbuns** se tornaram

estruturadores do meu texto e, com isso, têm surgido questões: como trazer para o que escrevo texto as diversas vozes que escrevem comigo? Como negociar aparição de diversos viventes nos arquivos? Como incorporar conversas e imagens ao texto de forma que naveguem juntos?

Grupo 3

Ana Melo Quints

(hierarquia, neutralidade, especificidades da realidade brasileira, ampliar espaços de teorização e prática, conhecimento emancipatório alternativo)

Kilomba (2019) define a academia como um espaço branco que preserva as posições de **hierarquia** da supremacia branca, e que o discurso entendido como **neutro e universal** é, na

verdade, uma construção branca que, até então, é o discurso dominante. Na minha percepção, a construção do campo de ensino e pesquisa de design no Brasil corrobora com essa hegemonia, sobretudo com a grande influência das escolas europeias quando da criação das primeiras escolas de design brasileiras. Segundo Leite (2008), a abertura da ESDI, primeira escola de desenho industrial do país, configurou uma cópia parcial transplantada da escola de Ulm para a cidade do Rio de Janeiro, sem considerar as **especificidades da realidade brasileira**. É verdade que hoje o cenário é outro, vemos muitas pesquisas interessadas e conectadas com a realidade brasileira, porém ainda persiste uma visão colonial sobre o design no Brasil. Dessa forma, acredito que questionar os modos de escrita na pesquisa em design é

uma forma de **ampliar os espaços de teorização e prática** no campo do design, entendendo, como defende Kilomba (2019), que a preocupação primordial da **descolonização** do conhecimento acadêmico deve ser a produção de um **conhecimento emancipatório alternativo**, a fim de transformar as configurações do conhecimento e do poder.

Raíssa Joanna Vítola Albuquerque

(*hierarquia, processo criativo, espaços alternativos, cultura dialógica, compartilhamento, autopublicação, vivências plurais*)

De início, pontuo considerar o **processo criativo** como parte do processo formativo que, por sua vez, existiria além das instituições depositárias de educação. Dessa forma, a existência de **espaços alternativos**, fundados em uma **cultura dialógica** de construção de um conhecimento comum fazem-se necessários. Durante a graduação, estando sujeita ao isolamento social, me vi diante do questionamento sobre a possibilidade da existência desses **espaços** também de maneira imaterial – por meio de oficinas remotas –, existindo, assim, como uma ideia compartilhada ou, por outro lado, como o **compartilhamento** de ideias por meio da **autopublicação**. Assim, acrescento ainda a ideia da formação composta também pela própria prática e pela percepção do meio que nos certa, que muitas vezes caracteriza um desafio para a elaboração de soluções possíveis, tanto para questões práticas quanto para questões subjetivas. Dessa forma, considerando os pontos expostos, pontuo a percepção da **troca de conhecimentos por meio de vivências plurais** e não mais reguladas por instituições ou **hierarquias** estanques, como essencial para evitar a estagnação social e possibilitar a criação também como meio de compartilhamento e diálogo.

Marcella Abreu dos Santos

(*histórias, imaginação, hierarquia, narrativa, sonho, cocriação, identidade*)

Sempre me incomodou a escrita acadêmica. É uma escrita com a qual nunca consegui criar vínculo. Apaixonada por **histórias e com imaginação fértil**, a escrita acadêmica sempre foi incapaz de me envolver; de me permitir imaginar; genuinamente me empolgar. Diferente da literatura e da linguagem visual, em suas variadas formas - prosa, cinema, quadrinhos, jogos - que nos transportam pro mundo apresentado e nos colocam no lugar dos personagens e dos mundos ali revelados, a escrita acadêmica não dialoga; não comunica, ao contrário: distancia, isola e limita. Sua principal função parece ser criar castas, higienizar. Criar um cenário onde existe a "comunidade científica" superior e à parte de todo o resto. Como a igreja católica, que limitava o acesso aos saberes a seus sacerdotes, e decidia o que era conhecimento e o que era inferior, blasfêmia, demonizado. Tudo que não está dentro da norma, inclusive a escrita, perde a validade. Como uma ferramenta de controle, um novo mercado: o objetivo é impedir o acesso e lucrar em cima da falta dele.

Por que, então, não escrever como **escrita narrativa e fluida**, como nos livros de ficção, com uma linguagem menos acadêmica, uma escrita que envolva e estimule a imaginação do leitor?

Eu aprendi sobre processo de mumificação quando tinha uns 9 anos. Aprendi em um infográfico, numa revista do 'Onde está Wally'. As imagens e explicações ainda são claras na minha cabeça, e isso somente aconteceu porque a linguagem me envolveu e estimulou

minha imaginação. Abriu espaço pra me tornar um com aquele universo. Krenak, em *A vida não é útil*, fala da linguagem do sonhar, como instituição de caráter íntimo e veiculação de afetos. O sonho contado pode fazer quem o ouve sair de onde está. "Se alguém me chama para fazer uma viagem, eu espero sonhar com aquilo. Se eu não sonhar com a viagem ou com um convite para sair de onde estou, significa que eu não vou." Se queremos furar a bolha da academia, precisamos pensar nossa escrita enquanto experiência coletiva, capaz de fazer com que o outro se envolva e se insira no universo compartilhado, e adentrar o campo do sonhar. Talvez o quê impeça os que têm interesse em pensar outras grafias de tentar, seja acreditar que seriam excluídos (ter suas pesquisas não publicadas) ou não compreendidos, mas se limitar a seguir as normas também não garante que pesquisadores fora do eixo EUA-Europa tenham seus trabalhos publicados, e menos ainda, garante o interesse e o entendimento sobre suas pesquisas tanto pela comunidade acadêmica, quanto por quem não faz parte dela.

Em entrevista para a YouTuber Mikann, Xiran Jay Zhao, escritora do livro de fantasia *A viúva de Ferro*, relata que nunca havia pensado em escrever um livro explicitamente baseado na cultura chinesa, por acreditar que seria muito auto-indulgente e que sua cultura era diferente demais pra ser compreendida. Mas ao lançar o livro, entendeu que as pessoas eram capazes de compreender sua cultura mais do que imaginava, e que, provavelmente, se ela estivesse entre os autores WASP - nomenclatura em inglês para se referir a autores brancos, anglo-saxões e protestantes - não teria esses questionamentos.

Compreendeu também, que não precisava ter como referência somente histórias e autores da cultura pop americana, mas poderia se fazer de autores e histórias da cultura pop asiática, para dar vida a seus escritos. Se, como designers, mediamos processos de cocriação de produtos e serviços, por que não mediarmos a **cocriação da escrita** entre as pessoas e mundos que pretendemos compreender e compartilhar? Deixar que falem por si, em sua própria linguagem. Para além de nos basear em metodologias euro-centradas, nossas referências deveriam ser a cosmovisão do povo de terreiro, dos povos originários, a cosmovisão 'da quebrada', e a linguagem deveria ser a nossa e a linguagem de com quem pretendemos nos conectar, dialogar. Fora da redoma acadêmica essas mediações sempre existiram e são bem mais simples do que o pensamento cartesiano tenta fazer crer: é na cervejinha na mesa do bar; na conversa na calçada; na contação de histórias, no dominó na praça, no carteado, no cafezinho, no pixo, no repente, na toada do boi, no saquinho de bombom de Cosme e Damião, que estão as grafias que almejamos.

Os dizeres das nossas avós, o contar da nossa gente, a nossa própria **identidade**, enquanto parte do meio em que crescemos, é que são, acredito eu, os caminhos pra superarmos um modelo de escrita que não n(os) cabe - nunca coube - e nem cabe nossos saberes e mundos.

Grupo 4

Luiz Lagares Izidio

(narrativas, subjetividade, pluralidade, estruturas)

O interesse em participar da conversação passa pela busca de incluir os co-pesquisadores e suas **narrativas**, com os quais tenho trabalhado, dentro de uma perspectiva, também, de um texto que possa ser entendido como científico. Atualmente, tenho percebido uma

dificuldade em aceites de textos que consideram as **subjetividades e pluralidades** nos processos participativos. Digo isso com relação aos pareceres que tenho recebido, praticamente todos fazem referência a uma **estrutura** textual que não é considerada científica mesmo que de outra maneira conte com quesitos ditos científicos. Penso que essa conversação surge como uma possibilidade de crítica ao nosso campo e uma possibilidade de debater essas **estruturas** e novas maneiras de percebermos nossa produção.

Lucas Carvalho de Jesus

(experimentação, questionamento, desaprender, mundos indígenas, afro-brasileiros)

Utilizo a escrita como **experimentação** para pensar os (des)aprendizados possíveis a partir dos mundos outros que transitam em meio a minha vida na universidade. Venho de uma formação técnica e conteudista que me ensinou a consumir informação e escrever sobre resultados antes mesmo de chegar na academia. Quando entrei na universidade fui instigado a pensar e repensar um livro de história da arquitetura no Brasil. Até então, eu nunca havia pensado na possibilidade de **questionar** um material didático. A partir daí, comecei a seguir as inquietações plantadas em mim através dos mundos que excedem as narrativas que eu conhecia. Quantos aprendizados são possíveis quando nos colocamos no lugar de **desaprender** conhecimentos que nos são passados como únicos e inquestionáveis? Textos, vídeos, falas, danças, cantos, práticas rituais, desenhos, fotos, filmes, histórias e conversas atravessam diariamente o meu percurso. Mas como escrever sobre mundos e atravessamentos que acontecem em espaços, tempos e epistemes outras? Para isso recorro aos **mundos indígenas e afro-brasileiros** que me relacionei virtualmente e presencialmente e a referências que não seriam convidadas para narrativas acadêmicas. A forma e a incorporação de elementos tão diferentes em um texto escrito ainda é um desafio. Escrevo sobre questões que converso diariamente, mas nunca senti espaço para colocar em um texto que exige dados científicos, resultados e conclusões de imediato. Falo de processos e relações que se desenvolvem em diferentes tempos e descubro aos poucos o pesquisador que sou e quero ser.

Fernanda Galvão Sklovsky

(povos indígenas, biodiversidade, trocas interculturais, conversação, conhecimento ancestral)

Sabendo que os **povos indígenas** são responsáveis pela manutenção e proteção da maior parte da **biodiversidade** terrestre, é alarmante a falta de interesse da academia, principalmente no campo do design estratégico, em relação aos conhecimentos desses povos. A minha pesquisa de mestrado, investiga justamente a possibilidade de trocas **interculturais** de saberes, afetos e conhecimentos entre as diferentes cosmologias, visando uma melhor compreensão sobre o papel do designer estratégico na contemporaneidade. A partir de encontros de **conversação**, narrativas de sujeitos indígenas de diferentes etnias e perfis estão sendo compiladas, com a intenção de trazer os **conhecimentos ancestrais** e contemporâneos para um debate dentro da academia.